

Um jovem caminha ao longo das margens do Blackwater à luz fria do luar. Bebera o ano que findava até às borras, até ficar com os olhos a arder e o estômago às voltas, e estava cansado das luzes e do ruído.

– Vou só ali a baixo até à água – disse, e beijou o rosto mais próximo.  
– Volto antes das badaladas.

Olha na direção de oriente, da maré a mudar, do estuário lento e negro, das gaivotas que brilham sobre as vagas.

Faz frio e ele devia senti-lo, mas bebeu muita cerveja e traz o casaco mais grosso. A gola arranha-lhe a nuca: sente-se confuso, parece-lhe que sufoca e tem a boca seca. *Um mergulho*, pensa, *e vou sentir-me melhor*. Desce o carreiro e fica sozinho junto do sapal, onde na lama escura os inúmeros regatos aguardam a chegada da maré.

– *I'll take a cup o' kindness yet* – canta com uma voz doce de tenor de igreja, depois ri-se, e alguém se ri como se lhe respondesse. Desabotoa o casaco e segura as abas para o manter assim, aberto, mas não lhe basta: quer sentir o vento cortante na pele. Aproxima-se da água e com a ponta da língua sente o sabor a sal da maresia. *Sim, vou dar um mergulho*, pensa, e atira o casaco para o pântano. Nem sequer é a primeira vez. Já o fez antes, em rapaz, e em boa companhia: a ousadia e a irresponsabilidade de mergulhar no ano velho para emergir com o ano que começa. A maré está baixa, o vento amainou, e o Blackwater não o assusta: deem-lhe um copo que ele também o bebe, sal e conchas e ostras e tudo o mais.

Mas alguma coisa se modifica numa volta da maré ou numa viragem do vento: a superfície do estuário desliza, parece pulsar e latejar (e ele dá um passo em frente), para depois se tornar lisa e brilhante, antes de se sacudir num espasmo, que parece uma resposta a algo vindo de fora. Aproxima-se mais. Ainda não tem medo. As gaivotas levantam voo uma a uma, e a última lança um guincho de angústia.

O inverno aproxima-se como uma pancada nas costas. Sente-o invadir-lhe a camisa e chegar-lhe aos ossos. O ânimo dado pela bebida já se foi e sente-se desamparado no escuro. Procura o casaco, mas as nuvens escondem a Lua e cegam-no. Respira com lentidão; o ar apunhala-o quando lhe penetra nos pulmões. Aos seus pés, a água subiu de súbito no pântano, como se alguma coisa a tivesse deslocado. *Não é nada, não é nada*, pensa, a tentar animar-se, mas lá está outra vez, um momento suspenso curioso, como se olhasse para uma fotografia, seguido de um movimento frenético e intermitente de algo enorme, que não pode ser um mero repelão da Lua no movimento das marés. Julga ver – *tem a certeza* de ver – a deslocação lenta de alguma coisa vasta, encurvada, sinistramente coberta de escamas enrugadas sobrepostas. Depois desaparece.

No meio da escuridão é dominado pelo medo. Sente que há ali alguma coisa à espreita – implacável, monstruosa, nascida na água, e que não tira os olhos dele. Depois de longamente adormecida nas profundezas veio por fim à tona: imagina-a a enfrentar as vagas, farejando o ar com avidez. É dominado pelo terror – tem a impressão de que o coração lhe para no peito. No espaço de um momento é acusado, condenado e levado perante o juiz. Oh, tem sido um pecador. No fundo, o seu coração é negro! Sente-se despojado, esvaziado de toda a bondade: não tem nada a mostrar em sua defesa. Olha as águas negras do Blackwater e lá está de novo – algo que corta a superfície das águas e depois volta a desaparecer. Sim, sempre esteve ali, à espera, e por fim descobriu-o. É dominado por uma calma curiosa. Afinal tem de se fazer justiça e não se sente constrangido a confessar-se culpado. Tudo é remorso sem redenção, tudo é merecido.

Mas depois o vento levanta-se e impele a nuvem que oculta a Lua, revelando o seu rosto outra vez. A luz é mínima, mas reconforta-o – e afinal ali está o casaco, a menos de um metro do sítio onde ele se encontra, com lama na bainha. As gaivotas regressam à água e é dominado por uma sensação de absurdo. Do caminho acima vem o som de risadas: uma rapariga e um rapaz com roupas festivas. Ele acena-lhe e grita:

– Estou aqui! Estou aqui!

*E eu aqui*, pensa ele. Aqui no pântano que conhece melhor que a própria casa, onde a maré está a mudar e nada há a temer. *Monstruoso!*, ri-se de si mesmo, entontecido com o indulto, como se ali não houvesse senão arenques e cavalas.

Nada a recear no Blackwater, nada de que se arrependa: apenas um momento de confusão no escuro e demasiado álcool. A água vem ao encontro dele e voltou a ser a sua velha companheira. Para o provar, aproxima-se e molha as botas, estende os braços.

– Aqui estou! – grita, e ouve a resposta das gaivotas. *Só um mergulho rápido*, pensa, e liberta-se da camisa.

O pêndulo oscila entre um ano e o seguinte, e as trevas cobrem o abismo.

# 1

Era uma da tarde de mais um dia como muitos e o balão do tempo deslizou no Observatório de Greenwich. Havia gelo no primeiro meridiano, e também no cordame das muitas barcas de grande calado que desciam o Tamisa. Os capitães anotavam a hora da maré e preparavam as velas de um vermelho sujo contra o vento de nordeste; um carregamento de ferro seguia para a fundição de Whitechapel, onde cinquenta sinos batiam na bigorna como se corresse contra o tempo. Tempo era o que não faltava a quem fora condenado a passar o seu entre as paredes da prisão de Newgate, e era desperdiçado pelos filósofos nos cafés do Strand; era perdido por aqueles que sonhavam que o passado se tornasse presente e odiado pelos que desejavam que o presente fosse passado.

O tempo era dinheiro no Royal Exchange, onde os homens passavam as tardes a ver as suas esperanças de fazer passar camelos por buracos de agulhas ser despedaçadas, e nos escritórios de Holborn Bars a roda dentada de um relógio mestre produzia uma descarga elétrica que fazia soar uma dúzia de relógios escravos. Todos os empregados levantaram a cabeça, suspiraram e voltaram a mergulhar nos livros. Em Charing Cross Road o tempo trocava o carro por carruagens de praça e autocarros em frotas impacientes, e nas enfermarias do Barts e do Royal Borough a dor fazia horas de minutos. Na capela de Wesley rezavam para que o tempo passasse mais depressa e, a alguns metros, o gelo derretia nas campas de Bunhill Fields.

Em Lincoln's Inn e Middle Temple os advogados olhavam as agendas e viam delitos prescrever; nos quartos de Camden e de Woolwich o tempo era cruel com os amantes, que não percebiam como se fizera tarde tão cedo, até que na devida altura se tornava amável com as suas

feridas banais. De um lado ao outro da cidade, em esplanadas e quartos arrendados, na alta sociedade e entre más companhias, o tempo era aproveitado e perdido, poupado e desperdiçado, e enquanto isso chovia uma chuva gelada.

Em Euston Square e Paddington as estações de metro recebiam os passageiros, que afluíam como matérias-primas prontas a ser trituradas, fundidas e adaptadas a moldes. Numa carruagem da Circle Line em direção a ocidente as luzes intermitentes mostravam que o *Times* não tinha nada de bom a contar e várias peças de fruta estragada caíam de um saco pousado na coxia. Cheirava a chuva ou a casacos encharcados e entre os passageiros, enfiado na sua gola levantada, o Dr. Luke Garrett enumerava as partes do coração humano.

– Ventrículo esquerdo, ventrículo direito, veia cava superior – ia recitando, ao mesmo tempo que contava com a ajuda dos dedos, esperando que a litania acalmasse as batidas ansiosas do próprio coração.

O homem ao seu lado olhou-o de relance, surpreendido, até que se virou com um encolher de ombros.

– Aurícula esquerda, aurícula direita – enumerava Garrett em surdina. Estava habituado a chamar a atenção de desconhecidos em lugares públicos, mas tentava não o fazer sem necessidade. Chamavam-lhe *Mafarrico*, por ser tão baixo que raramente passava do ombro dos outros homens e ter um andar insistentemente elástico, que dava a impressão de a qualquer momento poder dar um salto até ao parapeito de alguma janela. Mesmo através do sobretudo deixava transparecer uma energia que mantinha os seus membros em estado permanente de prontidão e as sobrancelhas sobressaíam-lhe no rosto como se tivessem dificuldade em conter o alcance e a ferocidade do seu intelecto. Na testa, o cabelo formava uma longa franja negra que lembrava uma asa de corvo. Por baixo desta, escondiam-se olhos escuros. Tinha trinta e dois anos e era um cirurgião com uma mente ávida e insubmissa.

As luzes apagaram-se e voltaram a acender-se e o destino de Garrett aproximou-se. Daí a duas horas era esperado no funeral de um doente, e nenhum homem jamais usara o luto com mais ligeireza. Michael Seaborne morrera seis dias antes de cancro da garganta, depois de ter suportado o sofrimento provocado pela doença e os cuidados do médico com igual desinteresse. Mas, naquele momento, não era ao morto que os

pensamentos de Garrett se dirigiam e sim à viúva, que (pensou com um sorriso) talvez estivesse naquele instante a pentear o cabelo desordenado ou a procurar um botão em falta no seu melhor vestido preto.

O luto de Cora Seaborne fora o mais estranho que já presenciara. Na verdade, percebera que alguma coisa não estava certa mal chegara à sua casa em Foulis Street. O ambiente naquelas salas de tetos altos confirmava um mal-estar que não tinha muito que ver com a doença. Nessa altura o paciente ainda estava relativamente bem, embora inclinado a usar lenços de pescoço como ligaduras. Os lenços eram sempre de seda, sempre de cores pastel e muitas vezes estavam quase impercetivelmente manchados. Num homem tão metuculoso era impossível imaginar que se tratasse de distração. Luke desconfiava que o objetivo do doente era fazer as visitas sentirem-se pouco à-vontade. Seaborne dava a impressão de ser alto por ser tão magro, além de falar tão baixo que obrigava as pessoas a aproximarem-se para o ouvirem. Tinha uma voz sibilante. Era cortês, e em geral tinha as unhas roxas. Resistira com calma à primeira consulta e declinara a proposta de cirurgia.

– Tenciono partir deste mundo como entrei –, explicara, acariciando a seda que lhe protegia o pescoço. – Sem cicatrizes.

– Não há necessidade de sofrer – replicara Luke, oferecendo um consolo que não lhe fora solicitado.

– Sofrer! – Era óbvio que a ideia o divertia. – Tenho a certeza que a experiência vai ser instrutiva – acrescentara, como se uma ideia viesse no seguimento natural da outra. – Diga-me, já conhece a minha mulher?

Garrett recordava com frequência o seu primeiro encontro com Cora Seaborne, embora na realidade a memória não fosse de fiar, construída como fora à imagem de tudo o que se seguira. Cora chegara nesse preciso momento, como se obedecesse a uma convocatória, e detivera-se junto da porta para observar o visitante. Depois cruzara a tapete, inclinara-se para beijar a sobrancelha do marido e estendera a mão a Luke, de pé atrás da cadeira em que o marido se sentava.

– Charles Ambrose disse-me que nenhum outro médico nos convém. Deu-me o seu artigo acerca da vida de Ignaz Semmelweis. Se cortar como escreve, havemos de viver para sempre.

A lisonja reconfortante fora irresistível e Garrett sentiu-se compelido a responder inclinando-se sobre a mão que lhe era oferecida. Apesar de

não ser tranquila, a voz dela era profunda e, ao princípio, parecera-lhe discernir a pronúncia nómada dos que nunca viveram muito tempo no mesmo país, mas na realidade tratava-se de um pequeno defeito de fala que disfarçava detendo-se em certas consoantes. Vestia-se de cinzento e com simplicidade, mas o tecido da saia brilhava como o pescoço de um pombo. Era alta, e não esbelta. Os seus olhos também eram cinzentos.

Nos meses que se seguiram, Garrett acabara por compreender um pouco o constrangimento que se misturava com o cheiro a sândalo e iodo da atmosfera de Foulis Street. Mesmo no meio do pior sofrimento, Michael Seaborne exercia uma influência maligna que pouco tinha que ver com o habitual poder dos inválidos. A mulher estava sempre tão pronta com roupas adequadas e bom vinho, tão disponível para aprender a introduzir uma agulha numa veia, que seria capaz de memorizar um manual sobre deveres femininos até à última sílaba. No entanto, Garrett nunca viu nada que se parecesse com afeto entre Cora e o marido. Chegou a desconfiar que ela desejava que o pequeno sopro se extinguísse e, quando preparava a seringa, receava que ela o chamasse de parte para lhe pedir que lhe desse mais, «só um pouco mais». Quando se inclinava para beijar o rosto de santo famélico sobre a almofada era como se pensasse que ele podia erguer-se a qualquer momento e torcer-lhe deliberadamente o nariz. Poucas enfermeiras, contratadas para limpar, fazer curativos e manter os lençóis limpos, ficavam mais de uma semana. A última (uma jovem belga muito devota) passara por Luke no corredor e murmurara *Il est comme un diable!* ao mesmo tempo que o ameaçava com um punho fechado, embora não estivesse ninguém à vista. Apenas o cão sem nome – leal, sarnento, sempre próximo da cama – não tinha medo do senhor, ou se tinha acostumara-se.

Com o tempo, Luke Garrett acabou por se familiarizar com Francis, o filho silencioso e de cabelo negro dos Seaborne, e com Martha, a ama do rapaz, inclinada a abraçar Cora pela cintura num gesto possessivo que desagradava a Luke. Uma avaliação apressada do estado do doente era rapidamente despachada (afinal o que havia a fazer?) e Luke era levado para dar o seu parecer sobre um dente fóssil que Cora recebera pelo correio, ou para ser interrogado em pormenor sobre as suas ambições para contribuir para o avanço da cirurgia cardíaca. Submetia-a a hipnose, depois de lhe ter explicado como a técnica fora usada durante a guerra

para facilitar a amputação de membros dos soldados, ou jogavam xadrez, para agravo de Cora, ofendida com a maneira como o médico mobilizava contra ela as suas forças. Luke diagnosticou a si mesmo uma paixão para a qual não procurou cura.

Estava sempre consciente de uma espécie de energia que havia nela, armazenada e à espera de ser libertada; ocorreu-lhe que quando chegasse o fim de Michael Seaborne os seus pés produzissem faíscas azuis no chão ao caminhar. O fim chegou e Luke esteve presente para o último suspiro, que foi difícil e ruidoso, como se no derradeiro momento o paciente tivesse esquecido a *ars moriendi* para pensar apenas em viver mais um momento. E, depois de tudo, Cora revelou-se imperturbável, nem enlutada nem aliviada. A sua voz alterou-se quando contou que o cão fora encontrado morto, mas não percebeu se por ter vontade de rir ou de chorar. Assinada a certidão de óbito, e repousando tudo o que restava de Michael Seaborne noutra lugar, deixou de haver uma razão sólida para Garrett continuar a frequentar Foulis Street, mas todas as manhãs acordava com essa ideia em mente, e ao aproximar-se do gradeamento de ferro percebia que era esperado.

O metro aproximou-se da estação de Embankment e Luke foi arrastado ao longo da plataforma com a multidão. Sentiu-se dominado por uma tristeza que não tinha que ver com Michael Seaborne nem com a viúva: o que o perturbava era o facto de os seus encontros com Cora poderem ter chegado ao fim, que a última vez que a via podia ser ao voltar-se enquanto os sinos dobravam a finados.

– Ainda assim – disse – tenho de estar lá, nem que seja para ver fechar a tampa do caixão.

Para além da barreira onde se entregavam os bilhetes, o gelo derretia nos pavimentos; o Sol começava a pôr-se.

Vestida de acordo com as exigências do dia, Cora Seaborne estava sentada à frente do espelho. Das orelhas caíam-lhe duas lágrimas de pérolas encastradas em ouro; os lobos estavam doridos porque fora preciso voltar a furá-las.

– No que respeita a lágrimas – disse em voz alta –, estas terão de servir.

O pó que usara no rosto fazia-a parecer pálida. O chapéu preto não lhe ficava bem, mas tinha véu e plumas pretas, o que transmitia o nível



adequado de luto. Os botões forrados dos punhos não abotoavam e deixavam ver uma orla de pele branca entre a batinha e a luva. O decote do vestido era um pouco mais aberto do que Cora gostaria, e deixava ver uma cicatriz com o comprimento e a largura aproximada do seu polegar sobre a clavícula. Era uma réplica perfeita das folhas de prata do candelabro que iluminava o espelho, e que o marido calcara na sua pele como se marcasse com o sinete algumas gotas de lacre. Chegara a pensar em pintá-la, mas acabara por se lhe afeiçoar, além de saber que em certos círculos corria invejosamente que tivera uma tatuagem.

Voltou as costas ao espelho e observou o quarto. Qualquer visita se deteria surpreendida à porta, vendo, de um lado, a cama alta e macia e os cortinados de damasco de uma mulher rica e, do outro, os aposentos de um letrado. O canto mais afastado estava coberto com gravuras de botânica, onde escrevera com a sua letra em maiúsculas citações de várias obras (NUNCA SONHES ENQUANTO ESTIVERES AO LEME! NÃO VOLTES AS COSTAS À BÚSSULA!). Sobre a lareira, cerca de uma dezena de amonites estavam arrumadas por tamanho; acima, presa numa moldura dourada, Mary Anning e o cão observavam um fragmento caído das rochas de Lyme Regis. Pertencer-lhe-ia tudo agora – a tapete, as cadeiras, o copo de cristal que ainda exalava o aroma do vinho? Supunha que sim, e a ideia fez uma espécie de leveza entrar-lhe no corpo, como se se libertasse das leis de Newton e desse por si colada ao teto. A sensação foi suprimida com a decência devida, mas bastou para que lhe tivesse dado um nome; não se tratava precisamente de felicidade, nem sequer de contentamento, mas de alívio. Também era composta de sofrimento, era verdade, e sentiu-se grata por isso, já que, por mais que o tivesse odiado, ele era responsável por quem ela se tornara, pelo menos em parte. De que serve odiarmo-nos a nós próprios?

– Ele fez-me, sim – disse ela, e as recordações soltaram-se como fumo de uma vela apagada com um sopro.

Dezassete anos e vivia com o pai numa casa sobranceira à cidade, a mãe há muito desaparecida (mas não sem se ter assegurado de que a filha não seria condenada a uma educação feita de francês e bordados). O pai – inseguro quanto ao que fazer com a sua modesta fortuna, e simultaneamente amado e desprezado pelos inquilinos – partira em viagem de negócios e regressara acompanhado de Michael Seaborne. Apresentara

a filha com orgulho – Cora, descalça, com o latim na ponta da língua – e o visitante pegara-lhe na mão, admirara-a e ralhara-lhe por causa de uma unha partida. Voltou, voltou, e voltou, até começar a ser esperado; trouxe-lhe livros finos e pequenos objetos sem utilidade. Troçava dela, pondo-lhe o polegar sobre a palma da mão e apertando até ficar magoada e lhe parecer que toda a sua consciência se concentrava naquele ponto preciso. Na presença dele, as piscinas de Hampstead, os estorninhos ao anoitecer, as marcas das ovelhas em forma de trevo na terra mole, tudo parecia pobre, inconsequente. Começou a envergonhar-se dela – da sua roupa larga e desarranjada, do seu cabelo despenteado.

Um dia ele dissera: «No Japão remendam a louça partida com gotas de ouro fundido. Como seria estupendo quebrar-te para mais tarde sarar as tuas chagas com ouro...» Mas ela tinha apenas dezassete anos e nunca sentira a faca espetar-se. Limitara-se a rir, como ele. Quando fez dezanove trocou o canto das aves por leques de plumas e as cigarras nas ervas altas por um casaco com pintas de asas de besouros; foi atada com ossos de baleia e furada com marfim e o seu cabelo foi preso com carapaças de tartaruga. Começou a falar mais devagar para esconder o defeito de fala; isto não a levou a lado nenhum. Ele deu-lhe um anel de ouro demasiado apertado e, um ano mais tarde, deu-lhe outro, mais apertado ainda.

O som de passos lentos e precisos como o tiquetaque de um relógio acordou a viúva do seu devaneio.

– Francis – disse. Ficou sentada, quieta, à espera.

Um ano antes de o pai morrer, e talvez seis meses depois de a doença ter feito a sua primeira aparição, à mesa do pequeno-almoço (um alto na garganta que impedia a passagem da torrada), Francis Seaborne tinha sido mudado para o quarto piso da casa e para o lado mais afastado das escadas.

O pai não se interessava pelos arranjos domésticos, embora na altura não estivesse a dar apoio ao Parlamento com a aprovação de leis relativas a habitação. A decisão fora tomada apenas pela mãe e por Martha, contratada como ama quando ele ainda era bebé e que, como ela própria apresentava as coisas, nunca se decidira a partir. Pareceu-lhes que era melhor Francis ficar mais próximo da ama, já que tinha um sono irrequieto e mais de uma vez aparecera à porta e mesmo, uma ou duas

vezes, à janela. Nunca pedia água, nem mimos, como poderia acontecer com outra criança; limitava-se a ficar à porta com um dos seus muitos talismãs na mão até que a inquietação fizesse alguma cabeça erguer-se do travesseiro.

Depois da mudança para o que Cora chamava «o quarto de cima» perdeu o interesse pelas errâncias noturnas e pareceu contentar-se com arrecadar (nunca ninguém disse «roubar») o que quer que lhe caísse na fantasia. Estes objetos eram dispostos numa série de padrões complexos e imprevistos que mudavam sempre que Cora fazia uma visita maternal; eram de uma beleza e de uma estranheza que teria admirado mesmo que fossem o trabalho do filho de outra pessoa qualquer.

Uma vez que era sexta-feira, e o dia do funeral do pai, Francis vestiu uma roupa especial. Tinha onze anos e, portanto, já sabia tanto para que lado ficavam os botões da camisa como a sua utilidade em matérias de ortografia («É NECESSÁRIO que uma camisa tenha apenas um Colarinho, mas duas Mangas»). Sentiu a morte do pai como uma calamidade, mas nem maior nem menor que a perda de um dos seus tesouros no dia anterior (uma pena de pombo, absolutamente vulgar, mas que era possível enrolar num círculo perfeito sem a partir). Quando lhe deram a notícia – observando que a mãe não estava a chorar, mas sim rígida e também um tanto cintilante, como se rodeada pela luz de um relâmpago – a primeira coisa que pensou foi: *Não percebo porque é que estas coisas me acontecem a mim*. Mas a pena desaparecera, o pai morrera e ao que tudo indicava teria de ir à missa. A ideia agradou-lhe. Consciente de que estava a ser demasiado polido para as circunstâncias, afirmou:

– A mudança é tão boa com o repouso.

Nos dias que se seguiram à descoberta do corpo de Michael Seaborne, o cão foi o que mais sofreu. Fartara-se de ganir à porta do doente, nada o consolava; uma carícia talvez o tivesse conseguido, mas, como ninguém esteve para meter as mãos no pelo nojento, a preparação do corpo foi acompanhada pelos mesmos lamentos lúgubres. O cão, entretanto, já morrera. *É claro*, pensou Francis, acariciando com satisfação um tufo de pelos recolhido na manga do casaco do pai, de maneira que o único ser enlutado reclamava agora por sua vez que lamentassem a sua morte.

Francis não estava seguro quanto aos rituais que rodeavam a remoção dos corpos, mas achou melhor ir preparado. O seu casaco tinha vários

bolsos, cada um dos quais continha um objeto não precisamente sagrado, mas *adequado à função*, pensou o rapaz. Uma lente rachada, que oferecia uma visão fragmentada das coisas; o tufo de pelos (tinha esperança que ainda ali houvesse uma pulga ou uma carraça e lá dentro, com sorte, uma gota de sangue); uma pena de corvo, o melhor de todos, por ser azulada na ponta; um pedaço de tecido que arrancara da bainha do vestido de Martha, por ter ali observado uma nódoa persistente com a forma da ilha de Wight; e um seixo com uma perfuração perfeita no centro. Com os bolsos preenchidos e bem fechados, os seus bens contados e recontados, desceu as escadas para ir ter com a mãe. Em cada um dos trinta e seis degraus ia recitando:

– *Hoje aqui, amanhã além. Hoje aqui, amanhã...*

– Frankie – *como era pequeno*, pensou ela.

O rosto dele, que curiosamente pouco se assemelhava ao de qualquer dos pais, exceto quanto aos olhos negros e aparentemente inexpressivos de Michael Seaborne, parecia indiferente. Tinha-se penteado e o cabelo formava ondas coladas ao crânio. Sentiu-se comovida por ele se ter dado ao trabalho de se arranjar e estendeu a mão na direção do filho, mas acabou por deixá-la cair vazia no colo. Francis ficou à sua frente a apalpar cada um dos bolsos à vez até que disse:

– Onde é que ele está agora?

– Está à nossa espera na igreja.

Será que devia abraçá-lo? Verdade fosse dita, o filho não parecia precisar de ser reconfortado.

– Frankie, se quiseres chorar isso não é vergonha nenhuma.

– Se eu quisesse chorar, chorava. Se quisesse fazer alguma coisa, fazia.

Não lhe ralhou. Na realidade tratara-se de pouco mais que uma constatação. O filho voltou a apalpar os bolsos e ela observou delicadamente:

– Trazes os teus tesouros.

– Trago os meus tesouros. Tenho um tesouro para si (*pat*), um tesouro para a Martha (*pat*), um tesouro para o pai (*pat*), um tesouro para mim (*pat, pat*).

– Obrigada – agradeceu ela, desorientada, mas por fim lá vinha Martha, que como sempre iluminava a sala em que entrava, dissipando com a sua presença a ligeira tensão que se havia formado. Tocou Francis ao

de leve na cabeça, como se se tratasse de qualquer outra criança; o seu braço forte rodeou a cintura de Cora. Cheirava a limões.

– Vamos então – disse ela. – Ele nunca gostou que nos atrasássemos.

Às duas, os sinos de St. Martin dobraram a finados, atravessando o ar de Trafalgar Square.

Francis, com uma audição impiedosamente aguçada, tapou os ouvidos com as mãos enluvadas e recusou-se a atravessar a soleira da porta enquanto a vibração da última badalada não se extinguiu, de maneira que quando a viúva e o filho chegaram um pouco atrasados a congregação em peso pôde voltar-se e suspirar gratificada: como estavam pálidos! Que apropriado! E aquele chapéu!

Cora observou o espetáculo da tarde com um interesse desprendido. Ali na nave, a obscurecer o altar – numa urna assente no que lhe parecia um cavalete de talhante –, encontrava-se o corpo do seu marido, que não recordava ter alguma vez visto por inteiro, mas apenas em vislumbres por vezes amedrontados de carne muito branca disposta sobre um esqueleto de grande elegância.

Ocorreu-lhe que nada sabia sobre a sua vida pública, passada (imaginava ela) em salas do mesmo tipo na Câmara dos Comuns, em Whitehall, e no clube que ela não podia frequentar, devido à infelicidade de ter nascido mulher. Talvez nos outros lugares se comportasse com bondade – sim, talvez fosse isso –, e ela fosse uma espécie de câmara de compensação para a crueldade merecida noutros sítios. Havia nisso uma espécie de nobreza, se pensasse bem: olhou as mãos como se esperasse que essa simples ideia tivesse feito surgir estigmas.

Acima dela, no varandim alto e escuro que à luz escassa do interior parecia flutuar acima das colunas que o suportavam, estava Luke Garrett.

*Mafarrico*, pensou. *Olhem só para ele!* O seu coração quase pareceu mover-se na direção do amigo, e sentiu a sua pressão contra as costelas. O casaco dele adequava-se tanto à circunstância como uma bata de cirurgião, além de que teve a certeza que estivera a beber antes de vir, e que a jovem ao seu lado era um conhecimento recente e para além das suas posses. No entanto, apesar da escuridão e da distância, sentiu descer sobre ela, num único olhar sombrio, um incitamento ao riso. Martha também o sentiu, e por isso beliscou-a na coxa, de maneira que mais tarde, quando se serviam copos de vinho em Hampstead, Paddington e Westminster,

alguém disse: «A viúva de Seaborne soluçou de tristeza quando o padre disse *mesmo morto, viverá*. De certa forma foi bonito.»

Ao lado dela, Francis ia sussurrando, a boca pressionada contra o polegar, os olhos fechados com força; parecia outra vez um menino pequeno. Deu-lhe a mão. Continuava a adaptar-se perfeitamente à dela e estava muito quente. Ao fim de um bocado, Cora levantou a mão e voltou a pousá-la no regaço.

Mais tarde, quando as batinas pretas voavam como gralhas entre os bancos da igreja, Cora deixou-se ficar à porta a cumprimentar os que saíam, todos eles bondade, todos solicitude – esperavam que soubesse que tinha amigos na cidade; era sempre bem-vinda, bem como o seu lindo filho, quando quisesse aparecer para jantar; seria sempre recordada nas suas orações. Passou tantos cartões de visita a Martha, tantos ramos de flores, tantos livrinhos de recordações e bordados com debrum negro que alguém que por acaso fosse a passar poderia confundir a ocasião com um casamento, embora um tanto sombrio.

A tarde ainda não chegara ao fim, mas o gelo ia-se formando nos degraus com um brilho duro à luz do candeeiro, ao mesmo tempo que o nevoeiro encerrava a cidade numa tenda pálida. Cora tremeu e Martha aproximou-se um pouco mais, de maneira a sentir o calor que se desprendia do corpo compacto envolvido no seu segundo melhor casaco. Francis mantinha-se a alguma distância, com a mão esquerda a investigar o conteúdo do bolso do casaco ao mesmo tempo que a direita alisava o cabelo. Não parecia propriamente ansioso, ou uma das mulheres tê-lo-ia aproximado das duas e pronunciado os murmúrios de conforto que teriam surgido com a maior facilidade se tivessem sido procurados. Em vez disso, parecia educadamente resignado à perturbação introduzida numa rotina muito apreciada.

– Deus tenha piedade de nós! – disse o Dr. Garrett quando o último participante no funeral partiu com o seu chapéu preto, aliviado por tudo estar acabado e já a pensar no divertimento dessa noite ou nas obrigações da manhã seguinte. Depois, com a transição rápida para o tom sério tão irresistível nele, tomou a mão enluvada de Cora.

– Muito bem, Cora. Comportou-se lindamente. Posso acompanhá-la a casa? Deixe-me ir consigo. Estou cheio de fome. A Cora não está? Sinto-me capaz de comer um cavalo e mais a cria!

– Um cavalo não está ao alcance das suas posses.

Martha nunca se dirigia ao médico sem ser num tom impaciente. Fora *ela* que o alcunhara de *Mafarrico*, embora já ninguém se lembrasse disso. A presença dele em Foulis Street – primeiro por obrigação, mais tarde por devoção – era uma contrariedade para Martha, que considerava a sua própria devoção mais que suficiente. O médico separara-se da companheira e metera no bolso do peito do casaco um lenço debruado a preto.

– O que me apetecia mesmo era dar um passeio – confessou Cora.

Como se se tivesse apercebido do seu cansaço súbito e da oportunidade que isso lhe proporcionava, Francis aproximou-se rapidamente e pediu-lhes que fossem para casa de metro. Como sempre, o pedido não foi apresentado na forma de uma súplica de criança que, se concedido, lhe daria prazer, mas como uma verificação atrevida. Garrett, que ainda não aprendera a lidar com os desejos implacáveis do rapaz, respondeu:

– Por hoje já tive o suficiente do reino do Hades – e fez um gesto a chamar uma carruagem de praça que ia a passar.

Martha pegou na mão do rapaz, que ficou tão surpreendido com a audácia do gesto que a deixou ali ficar, na luva dela.

– Eu levo-te, Frankie. Pelo menos está quente e eu já nem sinto os dedos. Mas, Cora, com certeza não vais fazer esta distância toda a pé. São pelo menos quatro quilómetros...

– Cinco – esclareceu o médico, como se tivesse sido ele próprio a pavimentar o caminho. – Cora, permita-me que a acompanhe – o cocheiro fez um gesto impaciente e recebeu uma resposta obscena. – Não devia fazer isso. Não pode ir sozinha...

– Não devia? Não posso? – Cora descalçou as luvas, tão eficazes contra o frio como uma teia de aranha, e atirou-as a Garrett. – Dê-me as suas. Gostava de perceber porque continuam a fazer luvas destas, e as mulheres a comprá-las. Posso andar e é o que vou fazer. Estou vestida para isso, vê? – levantou um pouco o vestido e mostrou as botas, que teriam sido mais adequadas para um rapazinho de escola.

Francis voltara costas à mãe, desinteressado da reviravolta que a noite poderia dar; tinha muito que fazer no quarto de cima, além de alguns novos artigos (*pat, pat*) que requeriam a sua atenção. Soltou a mão da de Martha e largou em direção à cidade. Martha, com um olhar

de desconfiança a Garrett e outro pesaroso à amiga, despediu-se e desapareceu no nevoeiro.

– Deixe-me ir sozinha – pediu Cora, a calçar as luvas, tão coçadas que pouco mais aqueciam que as dela. – As minhas ideias estão de tal maneira confusas que vou precisar de mais de um quilómetro só para as desembrulhar. – Tocou o lenço bordado a preto no bolso do médico. – Se quiser venha amanhã à campa. Eu disse que ia sozinha, mas talvez a questão seja essa. Talvez estejamos sempre sós, seja qual for a nossa companhia.

– A Cora devia andar sempre acompanhada por um secretário que tomasse nota das suas pérolas de sabedoria – replicou o *Mafarrico* com sarcasmo, soltando-lhe a mão. Fez uma vénia extravagante e retirou-se para a carruagem. Bateu a porta para se defender do riso dela.

Deslumbrada com a capacidade dele para mudar daquela maneira o seu estado de espírito, Cora começou por se virar não para ocidente, para casa, mas para o Strand. Gostava do sítio onde o rio Fleet fora desviado para o canal subterrâneo, a leste de Holborn; havia uma grelha em que nos dias mais tranquilos se conseguia ouvir o rio correr em direção ao mar.

Quando chegou a Fleet Street pensou que se se esforçasse talvez ouvisse o rio a correr através do seu longo túmulo, mas apenas deu pelo ruído de uma cidade que nem gelo nem nevoeiro afastavam do trabalho ou do prazer. Além disso alguém lhe dissera que o rio já pouco passava de um esgoto, engrossado não pelas águas da chuva que escorriam de Hampstead Heath mas pela humanidade amontoadas nas suas margens. Deixou-se ficar mais um pouco, até as mãos lhe doerem com o frio e os lobos das orelhas perfuradas começarem a latejar. Com um suspiro pôs-se a caminho de casa. Descobriu que o constrangimento que em tempos acompanhara a imagem da casa branca de Foulis Street ficara para trás, algures entre os bancos da igreja.

Martha, que aguardara com ansiedade o regresso de Cora (pouco mais de uma hora depois, com sardas a brilhar através do pó de rosto e o chapéu preto à banda), dava grande valor ao apetite como sinal de uma mente sã e por isso observou com enorme prazer a amiga comer ovos mexidos com torradas.

– Tomara que esteja tudo acabado – suspirou ela. – Todos estes cartões, estes apertos de mão... Estou cansada da etiqueta da morte.



Na ausência da mãe, a criança, tranquilizada pelo metro, subira para o quarto com um copo de água e sem uma palavra e adormecera com um carço de maçã na mão. Martha ficara à porta do quarto, a observar as suas pestanas negras contra o fundo branco da pele, e sentira o coração suavizar-se. Um tufo do pelo do amaldiçoado cão arranjava maneira de ir parar à almofada do rapaz; imaginou-o a pulular de piolhos e pulgas e inclinou-se sobre ele para o libertar e permitir que dormisse em segurança. No entanto, o pulso da ama deve ter tocado na almofada porque o rapaz acordou no tempo que ela levou a inspirar. Quando viu o tufo de pelo na mão dela, o rapaz deu uma espécie de grito enraivecido, de tal maneira que ela largou aquela imundície e fugiu. Quando descia as escadas pensou: *Como é possível que eu tenha medo dele? Afinal não passa de um pobre rapaz que acaba de ficar órfão!* Sentiu-se meio inclinada a voltar atrás e a exigir-lhe que entregasse a recordação nojenta, e talvez até a consentir um beijo. Depois ouviu uma chave ser introduzida ruidosamente na fechadura e ali estava Cora, a tirar as luvas e a preparar-se para ser abraçada.

Mais tarde, Martha, a última a deitar-se, parou à porta do quarto de Cora: nos últimos anos habituara-se a verificar que tudo estava em ordem com a amiga. A porta de Cora estava entreaberta. Na lareira, um tronco soltava faúlhas. Junto à ombreira, Martha perguntou:

– Estás a dormir? Queres que entre?

Como não recebeu resposta deu um passo sobre a tapete espessa de cor pálida. A pedra da lareira estava coberta de cartões de visita e de pêsames, com margens pretas e uma escrita cerrada; um ramo de violetas caíra. Martha inclinou-se para lhes pegar e quase lhe pareceu que elas lhe fugiam para se esconderem de novo atrás da sua forma de coração. Pô-las num copo de água, que deixou num sítio onde a amiga as visse mal acordasse, e inclinou-se para a beijar. Cora murmurou qualquer coisa e mexeu-se, mas não acordou e Martha lembrou-se do dia em que chegara a Foulis Street, onde esperava encontrar uma matrona altiva, apalermada pela maledicência e pela moda, e como se sentira desconcertada pelo ser inconstante que a recebera à porta. Ao mesmo tempo enfurecida e deslumbrada, descobriu que mal se acostumara a uma Cora outra emergia no seu lugar: a jovem aparentemente contentíssima com a sua própria inteligência desaparecia para dar lugar à amiga de muitos

anos; a mulher que dava jantares de uma elegância extravagante praguejava mal o último convidado se despedia, soltava o cabelo e sentava-se a rir à frente da lareira.

Mesmo a voz dela lhe despertava uma admiração confusa – entre o sotaque e o defeito de fala, que aparecia quando ela estava cansada, e as consoantes que pronunciava com dificuldade. As feridas visíveis por baixo da sua inteligência sedutora (que, como Martha observou, podia ser aberta e fechada como uma torneira) apenas contribuíam para aumentar o seu afeto por ela. Michael Seaborne tratava Martha com a mesma indiferença que reservava ao bengaleiro: não lhe atribuía a menor importância – nem sequer a olhava quando se cruzavam nas escadas. No entanto, a Martha nada passava despercebido – estava atenta a todos os insultos cortesões, observava todas as nódoas negras ocultadas –, e só com grande esforço se continha para não cometer um assassinato pelo qual teria sido alegremente enforcada. Menos de um ano depois de ter chegado a Foulis Street – de madrugada, quando ninguém dormia – Cora entrara no quarto dela. Alguma coisa lhe tinham feito ou dito que a deixara a tremer de forma violenta, embora a noite estivesse quente. O seu cabelo espesso e desordenado estava húmido. Sem dizer uma palavra, Martha afastara os lençóis e tomara Cora nos seus braços. Erguera as pernas para a rodear completamente e abraçara-a com força, de tal maneira que sentira o tremor da outra mulher ser-lhe transmitido. Libertada das convenções do osso de baleia e do tecido o corpo de Cora era grande e forte; Martha sentira as omoplatas moverem-se nas suas costas estreitas, o ventre macio que ela aconchegara contra o seu braço, os músculos poderosos das pernas: fora como se agarrasse um animal que nunca mais consentiria em imobilizar-se daquela maneira. Tinham acordado ainda abraçadas, completamente à-vontade, e separaram-se com uma carícia.

Achou animador que Cora não tivesse recorrido à proteção da sua cama no momento do luto, mas ao velho hábito de se aferrar ao que se habituara a chamar os seus «estudos», como um rapazinho a preparar-se para os exames. Na cama, ao lado dela, estava a velha pasta de cabeçal que pertencera à mãe e já perdera o dourado do monograma, e que (insistia Martha) continuava a cheirar ao animal que em tempos fora. Também ali estavam os seus apontamentos, escritos numa letra pequena

e legível, com as margens preenchidas, as folhas intercaladas por ervas e arbustos secos e um mapa de uma secção da costa marcado a tinta vermelha. A toda a sua volta estava distribuída uma pilha de papéis e Cora adormecera com a sua amonite do Dorset na mão. No entanto, durante o sono agarrara-a com demasiada força e desfizera-a na mão, que ficara como que enlameada.